

História restaurada

Revitalização do Largo Dois de Julho prevê ordenamento do tráfego e arborização de praças



Paloma Jacobina

O projeto de reurbanização do Largo Dois de Julho será o marco da administração municipal do prefeito Antonio Imbassahy na reconstrução dos espaços públicos, restituindo aos cidadãos o direito à cidade. Envolvido de corpo e alma no projeto, o arquiteto canadense Sean Bradley diz que o desafio é gigantesco, mas garante que é possível reverter o quadro de decadência e caos urbano que caracteriza o largo, com seu tráfego e estacionamento caóticos, iluminação deficiente, pavimentações danificadas, arborização esparsa e uma chocante poluição visual.

E é de desafios que vive Sean Patrick Bradley. Formado em arquitetura paisagística pela Universidade de British Columbia, em Vancouver, Canadá, em 1991, Sean decidiu que muito pouco teria a oferecer profissionalmente a seu país, modelo mais do que politicamente correto de ordenamento urbano e respeito ao meio ambiente. Na Bahia desde 1992, o canadense diz que é apaixonado pelo povo brasileiro, principalmente os baianos, sempre amistosos e fraternos, mas que experimenta algumas "crises existenciais" no Brasil por conta do descaso com o meio ambiente, a permissi-

vidade com o caos e a desordem urbana.

"São crises, apenas. Compreendo que o Brasil vive um processo de aprendizado muito recente. Em política, por exemplo, esse talvez seja o momento de estabilidade mais duradoura de toda a República brasileira. A conquista da

cidadania ainda está sendo realizada, e somente agora a educação ganha, de fato, importância na vida nacional", diz o arquiteto, que acha que pode contribuir com sua formação de forte traço ecológico para uma arquitetura mais harmônica com a natureza.

Comportamento - Para

conceber com sua equipe o projeto de intervenção urbana no Largo Dois de Julho, o arquiteto Sean Bradley buscou inspiração na antropologia, enxergando no comportamento humano a busca pela satisfação de suas demandas, sejam elas de natureza fisiológica, de segurança, de

auto-estima, de auto-realização e de sociabilização. "Bancos, praças, jardins, quiosques, iluminação, parques, escadarias são elementos essenciais para ajudar o homem a satisfazer essas necessidades. Por isso, o banco do jardim está tão associado à idéia do namoro, da amiza-

de", explica Sean.

Outra marca registrada dos projetos de Sean é a sua obsessão pela reconstituição da fauna e flora tropicais. Estudioso de plantas tropicais e endêmicas, vitais para a manutenção dos ecossistemas locais, ele torce o nariz para a mesmice paisagística que só se utiliza de vegetais como ixórias e pingos-de-ouro. "Além disso, não gosto dessas praças de concreto e mármore. Na minha opinião, toda praça tem que ter árvores, plantas e flores. O projeto do Largo Dois de Julho contempla isso. Não poderia deixar de ser assim em um lugar que tem um espaço chamado Largo das Flores", diz.

Reduto da boemia da velha cidade

Até a década de 40, a Rua Carlos Gomes não se estendia até os Afritos. Era a Rua do Fogo e acabava no Largo do Mocambinho, em frente à Farmácia Luz. O Beco do Mocambinho fazia a ligação do largo com a Avenida Sete. Na gestão do prefeito Neves da Rocha, muitos quintais da Rua do Rosário e do Largo Dois de Julho foram rasgados para o prolongamento da rua, que prosseguiu com a demolição da Escola Kate White. A destruição de sua configuração original, contudo, não acabou com a identidade do Largo Dois de Julho, talvez um dos mais efervescentes redutos da boemia da velha cidade da Bahia.

Os mitos, as histórias, as personalidades do Dois de Julho são várias e atravessam o tempo. Lugares como a La Fontana, a primeira pizzaria da Bahia, a churrascaria o Brasileiro, as boates Anjo Azul

e Clock, o Number One, o Oásis Bar, o Clube do Rato, o Cinema Capri, o Hotel Paraíso, a Pastelaria Moderna, o Clube Fantoches da Euterpe, o Ginásio Ipiranga, o restaurante Porto do Moreira são marcas de um tempo de fausto e esplendor. Desses, poucos resistem, como o Porto do Moreira, por causa da obstinação de seus proprietários, Chico e Antônio Moreira. Há 63 anos instalado no Dois de Julho - primeiro na Rua do Cabeça e, a partir de 7 de setembro de 1966, no Largo das Flores - o Porto do Moreira viu desfilar tipos inesquecíveis da história da Bahia.

O maior deles, criador de outros tipos, foi Jorge Amado, que morou na casa número 31 da Rua do Sodré. Ele fazia do Dois de Julho o seu santuário do prazer. Também no bairro, no Solar do Sodré, construído no século XVII, morou o poeta român-

tico Castro Alves, que ali viveu e morreu, no dia 6 de julho de 1871. Figura impar também é Alfredo Santeiro, restaurador de imagens sacras. Carlos Bastos, morador da Visconde de Mauá, era habitué do Anjo Azul.

O governador Antonio Balbino por lá morou e dois outros governadores baianos - Antonio Carlos Magalhães e Paulo Souto -, em épocas distintas, faziam uma parada estratégica nas redondezas para comer o bacalhau do Porto do Moreira. Mesa em que podiam também sentar-se Florivaldo Mattos, Paulo Gil Soares e Gláuber Rocha para dividir uma refeição para três. A proximidade com a redação dos *Diários Associados* levou os jornalistas Odorico Tavares e Paulo Nacif a escolherem o Moreira como restaurante predileto, tradição que ainda resiste entre as gerações mais novas da imprensa.

Um dos locais mais aprazíveis do centro da cidade, o largo já foi o grande 'point' da boemia de Salvador até a década de 40

